

## **Educação para a liberdade: um projeto de Helena Antipoff**

### **Education for Freedom: An Helena Antipoff Project**

**Karina Pereira Pinto\***

**Ana Maria Jacó-Vilela\*\***

---

#### **RESUMO:**

O discurso político dos anos trinta (século XX) somado ao contexto médico-higienista permitiu a valorização da prática educacional como facilitadora da transformação social. O papel do professor era organizar classes homogêneas segundo a capacidade de aprendizagem e desenvolvimento mental das crianças, futuro do país. Neste contexto, a russa Helena Antipoff (1892-1974), convidada pelo governo de Minas Gerais para ensinar Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Professores, destaca-se por sua diferente concepção de anormalidade. Através da análise de suas observações, propõe uma nova abordagem, na qual o desempenho é marcado pelo contexto social, e passa a concentrar seu trabalho nas crianças marginalizadas. Influenciada pelas idéias de Jean-Jacques Rousseau e Johann Heinrich Pestalozzi, funda a Sociedade Pestalozzi (1932) e a Fazenda do Rosário (1940), instituições que trabalharam com estas crianças sob uma ótica multidisciplinar. Criadora do termo “excepcional”, Helena Antipoff ampliou as possibilidades educacionais para todos os brasileiros.

**Palavras-chaves:** Psicologia; Educação; Excepcional.

---

#### **ABSTRACT:**

The political speech in the thirties (20<sup>th</sup> century) and the medical-hygienist context allowed the valorization of the educational practice as a bridge of the social transformation. The professor role was to organize homogeneous classes according to the children's mental learning and development capacity. In this context, the Russian Helena Antipoff (1892 – 1974), invited by the Minas Gerais' government to teach Educational Psychology at the School of Teachers Improvement, stands out because of her unusual conception of abnormality. Through the analysis of her observations, it's proposed a new approach, which the performance is marked by the social context, and she begins to concentrate her work on marginalized children. Under the influence of the Jean-Jacques Rousseau and Johann Heinrich Pestalozzi ideas, she founds the Pestalozzi Society (1932) and the Rosário Farm (1940), which are institutions that have worked with these children under a multidisciplinary view. Creator of the “exceptional” term, Helena Antipoff broadened the educational possibilities for all the Brazilian people.

**Key-words:** Psychology; Education; Exceptional.

---

*“Quando tudo chegar ao caos,  
a escola ainda é a salvação”.* (Helena Antipoff)

No ano de 1929, Helena Antipoff chega ao Brasil a convite do governo de Minas Gerais para lecionar Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais. Assim como ela, muitos outros professores estrangeiros estavam sendo chamados, a fim de trazerem para o Brasil novas técnicas e concepções pedagógicas e psicológicas que se desenvolviam nos centros mais adiantados do mundo (CAMPOS, 1972).

Tratava-se de um período - a partir dos anos trinta - no qual a preocupação com o ajustamento entre as idéias modernas e a realidade do país surgia com maior intensidade, caracterizando-se como um marco no desenrolar da história do Brasil. Significava a passagem para uma sociedade de base urbano-industrial, com uma política voltada para a industrialização, a racionalização da produção, o progresso tecnológico, o ensino profissionalizante e a complexificação do aparato político-administrativo do Estado (PESAVENTO, 1991).

Dentro deste contexto emerge uma política de valorização do homem como fator de produção e integração nacional, na qual a escola ganha importância como peça fundamental para a constituição da nação (CARVALHO, 1989). Acreditava-se nela, portanto, como instrumento básico para uma rápida transformação social (TAVARES, 1996) de um país que buscava constituir-se enquanto nação “civilizada”. Observa-se, pois, uma aproximação entre as políticas e práticas educacionais e o contexto médico-higienista (RAMOS DA SILVA, 1997), no sentido de cuidar da criança brasileira para que viesse a se tornar um adulto saudável, disciplinado e produtivo, contribuindo para o progresso do país dentro dos moldes de uma sociedade industrializada.

Estabelece-se, desta forma, que aos educadores caberia o papel preventivo de organizar classes homogêneas, de modo a agrupar crianças com a mesma capacidade de aprendizagem e o mesmo desenvolvimento mental, sendo as demais excluídas e enviadas para estabelecimentos adequados, de forma a proteger a sociedade dos males por elas trazidos<sup>2</sup>. Tal procedimento teria por objetivo aumentar a produção dos alunos, através de uma maior rapidez e eficiência, tendo o respaldo científico da biologia, da psicologia e da estatística. Objetivava-se a avaliação das faculdades mentais por meio de testes psicológicos de inteligência, personalidade e aptidão (NUNES, 1994) que, junto com os resultados de exames médicos e pedagógicos, definiriam a distribuição dos alunos na rede escolar.

Dentro deste quadro *a priori* de racionalização do trabalho escolar, evidentemente, encontravam-se pessoas que não possuíam rapidez e precisão, não mantinham um comportamento esperado ou não apresentavam uma produtividade intelectual satisfatória. A estas pessoas, consideradas “deficientes” ou “anormais”, até o início da década de 1930 só restava uma saída: a segregação (BUENO, 1997). Nesse sentido, Helena Antipoff destaca-se como personagem de grande importância, pois trabalhava com uma concepção de anormalidade diferente da predominante no Brasil na época. Acreditava ela que tais pessoas poderiam adquirir autonomia e participar, também, da construção do país.

Na época em que foi convidada a vir para o Brasil, Helena Antipoff trabalhava com Edouard Claparède no Instituto J-J Rousseau, além de ser professora na Universidade de Genebra<sup>3</sup>, responsável pela cadeira de Psicologia da Criança e Técnicas Psicológicas. No laboratório de Psicologia da Universidade fazia, como assistente, pesquisas sobre testes psicológicos, sobretudo de inteligência global, aplicados às crianças em geral.

Chegando a Belo Horizonte, uma de suas primeiras providências é criar um laboratório<sup>4</sup> na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais, com a finalidade de realizar pesquisas sobre o desenvolvimento mental das crianças locais. Utiliza, para este estudo, testes trazidos da Europa, e verifica que os resultados obtidos indicavam uma média de idade mental muito abaixo da idade real das crianças.

Antes de vir para o Brasil, Helena Antipoff havia trabalhado com crianças abandonadas na Rússia, onde os resultados dos testes também haviam se mostrado muito abaixo da média. Desconfia se os resultados apontavam realmente algum tipo de retardo, pois, ao observar tais crianças no dia-a-dia, elas se apresentavam “extremamente espertas, [revelando] prodígios de engenhosidade para lutar contra as dificuldades que a vida lhes deparava, e para assegurar a própria conservação” (ANTIPOFF, 1992a [1931], p. 78). O mesmo pôde verificar nas crianças de Belo Horizonte. Estas observações levaram Helena Antipoff a desenvolver a hipótese de que haveria correlação entre pobreza e baixos resultados nos testes, e de que estes vinham sendo elaborados de modo a avaliar apenas aquela inteligência disciplinada, dentro dos moldes da classe social hegemônica, de acordo com a moral da família burguesa, a

disciplina da escola e as regras da sociedade. As crianças que não tivessem este tipo de inteligência seriam excluídas por não se enquadrarem às exigências impostas pela vida social, de acordo com os padrões hegemônicos.

A esse tipo de inteligência, Helena Antipoff dá o nome de “inteligência civilizada” e, a partir desse conceito, passa a afastar-se da proposição biologizante e individualizante, propondo uma abordagem que aponta para o papel da interação social no desenvolvimento intelectual. Para ela, a inteligência seria um produto complexo, decorrente não apenas das disposições intelectuais inatas e do crescimento biológico, como também de um conjunto de fatores do meio social, das condições de vida e da cultura nos quais a criança se desenvolve. A ação pedagógica, a educação e a instrução recebida no ambiente familiar seriam, pois, decisivos para uma boa formação intelectual.

A partir daí, Helena Antipoff começa a desenvolver um trabalho voltado para as crianças que acabavam sendo enviadas para asilos, completamente marginalizadas pela sociedade, e quase sempre rotuladas com termos pejorativos como anormais, retardadas, insuficientes, revoltadas, dando idéia de algo definitivo, irremediável, sem solução, como se nada pudesse ser feito por elas - afinal, a partir do pressuposto biológico, tais crianças já nasceriam com tais características. Desta forma, Helena Antipoff sugere que se use um termo neutro, que pudesse ser utilizado em relação a todas as crianças que fugissem de alguma forma à norma e que, portanto, precisassem de atenção especial. Seriam “excepcionais”, ou seja, aquelas

*“crianças e adolescentes que se desviam acentuadamente para cima e para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais, ou quaisquer dessas, de forma a criar um problema essencial com referência à sua educação, desenvolvimento e ajustamento ao meio social”. (1992c [1932], p.271)*

Helena Antipoff considera que o principal problema dessas crianças carentes e abandonadas seria o sentimento de não adequação ao meio, tendo elas, originalmente, uma natureza boa. Desta forma, surgiria a necessidade de se criar um ambiente de liberdade, no qual as habilidades de cada um pudessem ser adequadamente desenvolvidas.

Em sua formação, Helena Antipoff recebeu grande influência das idéias de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), para o qual o homem seria originalmente bom, sendo o contato com outros homens o responsável pela alteração de sua constituição original, introduzindo-o no vício e no erro de forma imperceptível. Para Rousseau, a educação teria um único objetivo: formar um homem livre que fosse capaz de se defender contra qualquer constrangimento, não se submetendo a nenhuma lei que não fosse a lei da natureza. E, para que isso fosse conquistado, haveria apenas um meio: o respeito pela liberdade da criança (ROUSSEAU, 1995).

Outro personagem cujas idéias tiveram grande influência na obra de Helena Antipoff foi Johann Heinrich Pestalozzi (1746 - 1827). Acreditava ele na importância da educação no ambiente familiar, devendo ser a escola uma extensão dessa vida em família. Entendia também que o método educacional seria mais efetivo quando estivesse estritamente relacionado com as experiências de vida da criança (BLOCK, 1997).

Partindo desses princípios, Helena Antipoff cria várias instituições com a intenção de dar assistência a crianças, dentre elas a Sociedade Pestalozzi (1932) e a Fazenda do Rosário (1940). Tais instituições significavam uma grande mudança em relação à forma de lidar com as crianças marginalizadas, pois, afastando-se do modelo estritamente médico-pedagógico, o trabalho torna-se multiprofissional, com a presença de médicos, psicólogos, pedagogos e

assistentes sociais, profissionais importantes nesse novo modo de tratamento dado à categoria, então instituída, dos “excepcionais”.

A Sociedade Pestalozzi tinha como finalidade não apenas realizar um trabalho direto com as crianças excepcionais, como também instaurar atividades de caráter preventivo. Assim, se propunha a orientar a sociedade, de forma a esclarecê-la sobre os problemas atinentes à infância excepcional, para que o mais cedo possível se detectassem possíveis dificuldades. Palestras, conferências públicas e cursos eram realizados para que o excepcional fosse entendido por toda a população como um indivíduo cuja personalidade estaria carente de organização interna harmoniosa. Para que esta pudesse ser elaborada de forma adequada, a criança deveria ser criada em um ambiente que a considerasse como um todo, onde houvesse laços sentimentais que lhe dessem possibilidades de desenvolvimento de suas aspirações e potencialidades. O asilo, organizado e disciplinado, em que a preocupação maior se centrava na formação moral, não era o local adequado a esse desenvolvimento.

Na Sociedade funcionava uma escola em regime de semi-internato - o Instituto Pestalozzi, criado em 1935 -, que atendia crianças em vários níveis de excepcionalidade. Porém, à medida que esses alunos se formavam, foi aparecendo a dificuldade de inseri-los em outros estabelecimentos, seja para continuarem os estudos, seja para conseguirem emprego. Avaliando essa questão, a Sociedade Pestalozzi resolve adquirir uma propriedade rural, a Fazenda do Rosário, que teria, simultaneamente, dois fins: criar um ambiente adequado às crianças e adolescentes excepcionais, e levar a educação para o meio rural.

Localizada no município de Ibitaré, a 26 Km de Belo Horizonte, a Fazenda do Rosário funcionava como um centro rural de pesquisa, preparo, orientação e divulgação de assuntos educacionais, atendendo indivíduos independentemente do seu nível mental e condição social, em escolas comuns ou especiais. Havia uma preocupação em oferecer vários campos de ocupação produtiva e educacional, tanto para os excepcionais quanto para a população rural, de forma que houvesse uma grande integração social.

Para Helena Antipoff, a vida nas grandes cidades não serviria para os excepcionais, pois, como um meio muito civilizado, não ofereceria condições para sua adaptação. O local ideal para essas pessoas seria o campo, cujos espaços mais largos permitiriam movimentos mais amplos, onde pudessem se expressar mais livremente, de acordo com suas próprias capacidades. Como ela própria explicita em um pensamento claramente rousseauiano:

*“Além da serenidade, a natureza dá margem a um elemento que julgo de suma importância na educação dos excepcionais: a beleza. É muito mais fácil deixar a criança ver o que é belo, o que é feio, do que fazê-la compreender o que é bom, o que é mau. A estética do ambiente é o fundo no qual se perfilarão as ações dos adolescentes. Esses, rapidamente, eles mesmos ou com auxílio de educadores, procurarão a harmonia, fugindo do chocante visível e da cacofonia das discordâncias. E, assim, paulatinamente, se aproximam das regras da vida social e moral”. (1992c [1945], p. 150)*

A Fazenda do Rosário permitiria, portanto, que os excepcionais pudessem obter um maior grau de autonomia, dependendo o mínimo possível de outrem, possibilitando, também, que a população rural permanecesse no campo, sem precisar migrar para as grandes cidades em busca de novos conhecimentos e de melhoria de vida.

Considerando a escola como *chave da salvação de todos os males humanos* (1992b [1932], p. 19), Helena Antipoff lutou em defesa da escola pública gratuita e universal, na qual todos tivessem iguais direitos à educação, não devendo ser voltada apenas para pequenos grupos. A partir de uma concepção de inteligência inovadora para sua época, que incluía fatores sociais e culturais no desenvolvimento mental, e também através de um constante questionamento das teorias e práticas utilizadas, amplia as possibilidades de educação para todos os brasileiros, principalmente para aqueles “excepcionais” à sociedade. Helena Antipoff, russa, nascida em Grodno, 1892, vem para o Brasil e aqui permanece até falecer em Belo Horizonte, em 1974. O reconhecimento ao seu trabalho e à sua dedicação às nossas crianças veio em 1951, quando lhe foi concedido o título de cidadã brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTIPOFF, Daniel I. - *Helena Antipoff. Sua Vida / Sua Obra*. RJ: José Olympio Editora, 1975.
- ANTIPOFF, Helena - “Psicologia Experimental”. Em: *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff*. Vol. I, CDPHA (org.), Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992a.
- \_\_\_\_\_ - “Fundamentos da Educação”. Em: *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff*. Vol. II, CDPHA (org.), Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992b.
- \_\_\_\_\_ - “Educação do Excepcional”. *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff*. Vol. III, CDPHA (org.), Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992c.
- \_\_\_\_\_ - “Educação Rural”. *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff*. Vol. IV, CDPHA (org.), Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992d.
- \_\_\_\_\_ - “Educação do Bem Dotado”. *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff*. Vol. V, Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1992e.
- BLOCK, Pamela - *Biology, Culture, and Cognitivity Disability: Twentieth Century Professional Discourse in Brasil and the United States*. Tese de Doutorado. Department of Cultural Anthropology / Duke University, 1997.
- BUENO, José Geraldo Silveira - “A Produção Social da Identidade do Anormal”. Em: FREITAS, Marcos Cezar de, *História Social da Infância no Brasil*. SP: Cortez Editora, 1997.
- CAMPOS, Milton - “Um depoimento de Milton Campos”. Em: *Suplemento Pedagógico Especial*, n. 1, 1972.
- CARVALHO, Marta M. Chagas de - *A Escola e a República*. SP: Brasiliense, 1989.
- FRANÇA E SILVA, Ester e MIRA, Alice M. Galland - *Helena Antipoff*. Em: *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, n. 26 (4), 1974.
- GUIMARÃES, Arquimedes Pereira - “Helena Antipoff”. Em: *Infância Excepcional*, n. 12, 1979.
- NUNES, Clarice - “A Escola Reinventa a Cidade”. Em: HERCHMANN, M.M. e PEREIRA, C. A. M., *A Invenção do Brasil Moderno: Medicina, Educação e Engenharia nos anos 20-30*. RJ: Rocco, 1994.
- OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de - “Professora Helena Antipoff”. Em: *Revista do Ensino*, n. 211-212, vol. XXXI, 1962.
- PESAVENTO, S.J. - “Historiografia do Estado Novo: Visões Regionais”. Em: WERNECK DA SILVA, J. L. (org.), *O Feixe e o Prisma: Uma Revisão do Estado Novo*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1992.
- RAMOS DA SILVA, Alexandre Schreiner - “A Criança Brasileira, Futuro da Nação”. Em: *Cadernos do IPUB*, nº 8. Instituto de Psiquiatria/UFRJ, 1997.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques - *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- TAVARES, Fausto Antônio Ramalho - *A Ordem e a Medida: Escola e Psicologia em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1996.
- VELOSO, Elisa Dias - “Helena Antipoff, Psicóloga”. Em: *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 28 (1), 1976.

\* Aluna de graduação do curso de Psicologia da UERJ. Bolsista PIBIC/CNPq no projeto “A constituição da Psicologia como saber autônomo: o caso brasileiro”, orientada pela professora Ana Maria Jacó-Vilela.

\*\* Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ.

<sup>1</sup> Segundo os critérios de valor das sociedades ocidentais modernas.

<sup>2</sup> Pode ser observada, neste período, uma grande influência das idéias eugênicas sobre os intelectuais. Estas se pautavam em explicações biológicas para justificar o afastamento dos indivíduos que não se enquadrassem no modelo hegemônico, alegando possuírem estas pessoas algum tipo de “anormalidade” - física ou mental. É interessante observar que as ações “profiláticas” movidas por tal ideário recaíssem quase que exclusivamente sobre as camadas mais pobres da população.

<sup>3</sup> Em sua biografia, escrita por Daniel Antipoff, seu filho, não há especificação sobre o nome da universidade; porém, a partir de outros textos, pode-se presumir que seja a Universidade de Genebra.

<sup>4</sup> Neste período, a criação de laboratórios de Psicologia junto às Escolas Normais é uma constante.